



RELAÇÕES DURADOURAS PARA ALÉM DE FRONTEIRAS: JOVENS FILIPINOS MIGRANTES NA EUROPA E SEUS CUIDADORES QUE PERMANECERAM NAS FILIPINAS¹

Lingering caregiver-child relations across borders: Filipino migrant youths in Europe and their stay-behind carers in the Philippines

Asuncion **FRESNOZA-FLOT**
PhD in Sociology
Université libre de Bruxelles
Laboratoire d'Anthropologie des Mondes
Contemporains
Bruxelas, Bélgica
afresnoz@ulb.ac.be
<https://orcid.org/0000-0002-4865-9686> 

Itaru **NAGASAKA**
Doctor of Letters
Hiroshima University
Graduate School of Humanities and Social
Sciences
Hiroschima, Japão
nagasaka@hiroshima-u.ac.jp
<https://orcid.org/0000-0002-0180-708X> 

Tradução Bruno Botelho **COSTA**
Instituto Federal do Espírito Santo
Campus Montanha
Montanha-ES, Brasil
brunobcosta2010@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1825-0097> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

A migração familiar filipina resulta em muitas crianças “deixadas para trás” aos cuidados de parentes, mas reunificações familiares subsequentes podem disparar ajustes emocionais na díade criança-cuidador(a). Partindo de trabalhos de campo etnográficos realizados na França, na Itália e nas Filipinas, este artigo visa lançar luz sobre essas mudanças. Examinando casos de migrantes da geração 1.5 na França e na Itália e seus parentes cuidadores que permaneceram nas Filipinas, este artigo descortina a natureza mutável e flexível dos cuidados infantis em famílias transnacionais filipinas e as dificuldades emocionais interligadas entre cuidadores, crianças e pais. Apesar destas, a relação cuidador(a)-criança perdura para além de fronteiras, ao mesmo tempo em que migrantes da geração 1.5 reconhecem os esforços de seus pais e cuidadores.

PALAVRAS-CHAVE: Relações intergeracionais. Cuidadores(as). Jovens migrantes. Separação. Reunificação familiar. Famílias filipinas transnacionais.

ABSTRACT

The Filipino parental migration results in many children “left behind” under the care of kin, but subsequent family reunification may trigger emotional adjustments in the child-caregiver dyad. Drawing from ethnographic fieldworks in France, Italy and the Philippines, this paper aims to shed light on these adjustments. Examining the case of 1.5-generation migrants in France and Italy and their stay-behind caregivers, this paper uncovers the mutable, flexible nature of child fosterage in Filipino transnational families and the interlinked emotional difficulties of caregivers, children and parents. Despite these,

¹ Revisão técnica realizada por Katia Cristina Norões.

caregiver-child relation perdures across borders at the same time as 1.5-generation migrants acknowledge the efforts of their parents and caregivers.

KEYWORDS: Intergenerational relations. Caregivers. Migrant youths. Separation. Family reunification. Filipino transnational families.

INTRODUÇÃO

A separação entre pais e filhos é um dos pontos focais na análise na literatura sobre “famílias transnacionais” (BRYCESON, VUORELA, 2002), principalmente do final dos anos 90 até os 2000 (DREBY, 2006; LAHAIE *et al.*, 2009; OLWIG, 1999; PARREÑAS, 2005; SAVE THE CHILDREN, 2006; SCHMALZBAUER, 2008). Embora alguns estudos sobre reunificação familiar também surgiram neste período (BATTISTELLA, 1995; ROUSSEAU *et al.*, 2004; SUÁREZ-OROZCO, SUÁREZ-OROZCO, 2001; SUÁREZ-OROZCO *et al.*, 2002), a maior parte dos trabalhos acadêmicos que abordam a reunificação de pais e filhos, no contexto de migração, começam a se desenvolver no início da década de 2010 (BONIZZONI, 2012, 2015; FRESNOZA-FLOT, 2015A, 2015B; NAGASAKA, FRESNOZA-FLOT, 2015; NAGASAKA, 2016; SCHAPIRO *et al.*, 2013). Esta literatura confere especial atenção aos impactos da reunificação familiar sobre crianças e/ou seus pais migrantes, que faz ecoar a tradicional visão social de que tais reunificações põem fim à separação transnacional. Como consequência desta tendência, pouco se conhece a respeito de como a reunificação pais-filhos afeta os(as) cuidadores(as). Como crianças migrantes e seus cuidadores experimentam a separação? De que maneira mantêm contato uns(mas) com os(as) outros(as)? Como esta relação influencia a relação pais-filho(as)?

A fim de procurar respostas a essas questões, o presente artigo parte de um estudo colaborativo sobre jovens da geração 1.5 em famílias filipinas transnacionais. O termo “geração 1.5” se refere, nos estudos sobre migração, àqueles que migraram para o país de recepção de seus pais com poucos anos de vida, em geral antes de atingirem a maioridade (BARTLEY, SPOONLEY, 2008; NAGASAKA, FRESNOZA-FLOT, 2015). Diferentemente dos “migrantes de primeira geração”, que cresceram em seu país de origem, migrantes da geração 1.5 passaram lá apenas parte de sua infância, tendo vivido o restante dela nos países de recepção. Ao contrário da chamada “segunda geração”, que nasceu e cresceu nos países de recepção para onde seus pais migraram, eles experimentam viver no país de recepção. Suas “infâncias migrantes” (FRESNOZA-FLOT, NAGASAKA, 2015) são caracterizadas por ajustes a diferentes contextos familiares, sociais e culturais. Para essas crianças e adolescentes, o contexto de

separação familiar não termina no momento do reagrupamento familiar, uma vez que a reunificação com estes produz outra separação, isto é, a deles com seus cuidadores(as) (NAGASAKA, 2016). Dado que os segundos cuidaram dos primeiros desde que eram muito novos e por longos períodos de tempo (veja MORAN-TAYLOR, 2008; PANTEA, 2012), os laços emocionais entre eles(as) poderão ser mais forte do que aqueles que ligam a criança a sua família migrantes. Interações cotidianas entre cuidadores e crianças deixadas para trás² pode resultar em “apegos” similares ao que Bowlby (2008) observa na relação mãe-filho(a) nos três primeiros anos de vida da criança. Neste caso, quando as crianças se reúnem fora dos seu país de origem com sua família migrante, o impacto disso poderá ser considerável não somente para os pais e as crianças, mas também para as crianças e seus(as) cuidadores(as) que continuaram no país de origem. Esses impactos podem aparecer em práticas transnacionais que vinculam as crianças aos(às) seus(as) cuidadores(as), bem como na qualidade das relações das crianças com sua família migrante.

Partindo da literatura sobre famílias transnacionais em contextos de separação e reunificação, este artigo argumenta que as ramificações de migrações transnacionais necessariamente ultrapassam a noção ocidental de “família nuclear”, e que, portanto, é crucial que as pesquisas sobre famílias transnacionais estejam atentas aos múltiplos vínculos afetivos formados entre migrantes, suas crianças e os formados anteriormente seus(as) cuidadores(as). Enquanto um estudo de caso, este artigo investiga as experiências de filipinos da geração 1.5 na França e na Itália, seus relacionamentos com seus pais migrantes e a situação dos seus(as) cuidadores(as) nas Filipinas.

Na França, migrantes da geração 1.5, também chamados de *enfants déplacés* (AGENEAU-DUNIAU, 2000) são socialmente invisíveis. Inexistem, praticamente, estatísticas disponíveis sobre eles(as) e a tendência geral das pesquisas sobre migração francesas é focar na situação de crianças nascidas e crescidas na França, notadamente aquelas vindas do Maghreb (que engloba países do noroeste africano como Argélia, Tunísia e Marrocos) e de países do sudeste europeu, como Espanha e Portugal. Entre a população migrante filipina neste país, as experiências de migração da geração 1.5 são sub-exploradas, visto que a maioria dos estudos tem focado em trajetórias de mulheres filipinas migrantes que trabalham como empregadas domésticas (e.g. FRESNOZA-FLOT,

² Para o uso do termo *stay-behind*, consideramos a tradução literal do termo. No caso de *stay-behind child*, optamos por crianças que permaneceram em seu país de origem, que pode ser uma situação, em geral, temporária ou não. Também optou-se pelo uso do termo “deixadas para trás”, conforme a ênfase atribuída pelos autores. No caso das(os) cuidadoras(es), optou-se pelo uso de deixados para trás, devido a análise da dos processos de ruptura entre cuidador-crianças, que se tornou o principal foco desse estudo.

2009; MOZÈRE, 2005). A geração 1.5 é comumente referida por migrantes filipinos como *laki doon* (ou seja, aqueles(as) que cresceram “lá”, nas Filipinas) em contraste aos *laki dito* (ou seja, aqueles(as) que cresceram “aqui”, na França). A ênfase destas categorias está no lugar de socialização e não no lugar de residência dos(as) filhos(as) de filipinos(as) migrantes. Na Itália, apesar do número de estudantes de origem migrante ter crescido significativamente depois do ano 2000 (VALTOLINA, 2013, p. 57), não é muito comum que se faça distinção entre “segunda geração” e “geração 1.5” na literatura sobre crianças migrantes. Entre migrantes filipinos na Itália, tais distinções tampouco são destacadas. Isto se deve, parcialmente, ao fato de o número de filipinos de segunda geração estudando na escola secundária não ser grande comparativamente ao número de estudantes da geração 1.5. Considerando as situações de migrantes filipinos na França e na Itália, filipinos da geração 1.5 são definidos aqui como migrantes que chegaram à Europa para a reunificação familiar antes dos 18 anos de idade e experimentaram ambos os sistemas educacionais, nas Filipinas e nos seus países de recepção. Existem dois elementos fundamentais nesta definição: primeiro, o tempo que este grupo de crianças e adolescentes residiu nas Filipinas antes de se mudar para a Europa e, segundo, as suas experiências de escolarização em dois países (NAGASAKA, FRESNOZA-FLOT, 2015).

O presente artigo inicia-se com uma revisão da literatura sobre separação e reunificação de famílias transnacionais. Também contextualiza a sua análise provendo alguma informação sobre as práticas de acolhimento de crianças nas Filipinas. Depois disto, ele descreve a metodologia de estudo e as pessoas entrevistadas. A parte empírica do artigo se aprofunda nas experiências de separação entre crianças filipinas da geração 1.5 e seus(as) cuidadores(as), notadamente em como tais relacionamentos afetam as suas relações com seus pais e como mantêm contato com aqueles(as). A parte empírica também observa os projetos futuros da geração 1.5 e de seus(as) cuidadores(as) nos países de origem. Por fim, o artigo conclui com algumas linhas de investigação para futuros estudos sobre famílias transnacionais.

SEPARAÇÃO E REUNIFICAÇÃO EM FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS: CUIDADORES(AS) E CRIANÇAS DE MIGRANTES

Desde o início dos anos 2000, pesquisadores(as) sobre migrações analisaram as relações intergeracionais em famílias transnacionais com ênfase em separação, reunificação ou ambos. A literatura sobre esta temática basicamente lida com casos de

pais e seus(as) filhos(as), o que resulta em negligência com outras vozes e parcerias em relacionamentos familiares transnacionais.

No contexto de separação familiar, a situação de crianças que permaneceram nos países de origem tem atraído enorme interesse de pesquisadores(as), tanto em países de origem como nos de destino nas últimas décadas. Estudos mostram que, embora homens sejam capazes de cuidar de crianças e realizar tarefas domésticas quando um membro da família migra (HOANG, YEOH, 2011; LUTZ, 2018; PINGOL, 2001), são geralmente as mulheres pertencentes à família estendida (avós, tias, primas) que se tornam a principal cuidadora da criança (AGUILAR, 2009; CARLING *et al.*, 2012; DREBY, 2010; PARREÑAS, 2005; SAVE THE CHILDREN, 2006). Esta mulher é identificada pela literatura especializada por diferentes nomes: "cuidadores substitutos" (SCHAPIRO, 2002), "outra-mãe" (SCHMALZBAUER, 2004), "mulheres do meio familiar" (DREBY, 2010), "como uma mãe" (YARRIS, 2011), ou "mãe temporária" (FRESNOZA-FLOT, 2013). Em muitos casos, ela reside debaixo do mesmo teto que a criança da qual cuida (PANTEA, 2012). Seu papel de cuidadora envolve não apenas cuidar da criança, mas também fazer as tarefas domésticas e administrar o orçamento familiar (POEZE *et al.*, 2017; YARRIS, 2011). Esse papel muda de tempos em tempos: cuidados práticos e diretos aparecem como indispensáveis quando as crianças são muito pequenas, enquanto que a supervisão dos seus atos se torna central quando elas atingem a adolescência (PANTEA, 2012). Estudiosos observam que essa supervisão, a exemplo das restrições sobre a mobilidade espacial dos adolescentes, possui recorte de gênero. Cuidadores(as) aparentemente controlam a mobilidade de meninas mais que a de meninos (PANTEA, 2012), não somente por causa de recortes de gênero presentes nas normas de seus países de origem, mas também devido à crença de que adolescentes deixados por seus pais nos países de origem podem se envolver em atividades delinquentes caso não recebam a adequada supervisão (SMITH, 2006). Isto corrobora a importância dos(as) cuidadores(as) nas vidas das crianças que permaneceram nos países de origem e na funcionalidade de famílias transnacionais. Assim como apontado por Lahaie *et al* (2009), jovens que ficam nos países de origem com cuidadores(as) são menos suscetíveis a problemas comportamentais ou escolares se comparados a jovens sem cuidadores(as) ou adultos em casa.

Tais observações sugerem que a separação familiar em virtude da migração não resulta automaticamente em consequências negativas. Trabalhos recentes sobre o impacto da migração familiar para crianças que permaneceram em seus países de origem descrevem uma imagem com mais nuances que a demonstrada em estudos

anteriores, que apontavam para consequências negativas da migração parental (e.g. ASIS, 2006; BATTISTELLA, CONACO, 1998; DREBY, 2007; NAGASAKA, 2016). Hoje se entende que a estabilidade e a qualidade do cuidado que crianças experimentam depois que seus pais migram importam significativamente para o bem-estar da criança. Por exemplo, Mazuccato *et al* (2015, p. 222) concluem que crianças em Gana e na Nigéria “que não tiveram modificados os(as) seus(as) cuidadores(as) não apresentaram diferenças no tocante ao seu bem-estar em comparação com outras crianças vivendo com outros familiares” na mesma situação. Eles também observam que a influência do contexto social: o bem-estar da criança não diminui em sociedades nas quais o fato de ela estar sendo cuidada (por alguém que não seus pais) não carrega, em si, um estigma associado. Aparte disto, eles identificam eventos críticos no curso de vida familiar (divórcios ou separações conjugais) como capazes de desestabilizar as crianças. Suas descobertas trazem nuance ao nosso entendimento sobre as implicações da migração familiar para as crianças que permaneceram nos seus países de origem, bem como para o papel fundamental dos(as) cuidadores(as) em famílias transnacionais.

Não obstante, ao nível emocional, a reunificação familiar desvela o impacto da separação nas relações afetivas entre pais e filhos (FRESNOZA-FLOT, 2015A, 2015B; NAGASAKA, 2016). A estafa emocional geralmente passa despercebida durante esta separação. Como observa Schmalzbauer (2008) em famílias transnacionais hondurenhas, “embora a comunicação permaneça entre pais e filhos, nutrindo a intimidade familiar” durante a separação, “crianças não exibiam conhecimento profundo sobre as realidades cotidianas de seus pais” (p. 339). Crianças migrantes frequentemente sofrem de estresse emocional e psicológico após a reunificação com seus pais (SCHAPIRO, 2002; NAGASAKA, 2016). Em muitos casos, as relações pais-filhos continuam distantes por anos depois da reunião familiar (NAGASAKA, 2015). Em consonância com o *corpus* sobre separação familiar, esta literatura sobre reunificação familiar foca na migração familiar e suas crianças (BOEHM, 2008; BONIZZONI, 2012; DREBY, 2010). Enquanto que a atenção acadêmica dada à qualidade emocional desta relação tem oferecido insights interessantes no tocante aos estudos sobre famílias transnacionais, o enfoque estreito em questões associadas à separação e reunificação entre pais e filhos(as) tem resultado na negligência de outras vozes e práticas nos relacionamentos em famílias transnacionais. Este é o caso dos(as) cuidadores(as) e as relações que possuem com a crianças de que cuidam.

Estudos sobre eles(as) permanecem raros até o momento (e.g. DANKYI *et al.*, 2017; DUCU, 2020; HOANG, YEOH, 2011; LAHAIE *et al.*, 2009; PANTEA, 2012; PINGOL,

2001; POEZE *et al.*, 2017; YARRIS, 2011, 2012). Estes trabalhos mostram que as obrigações dos cuidadores, somadas às expectativas da família migrante, incorre em situações estressantes para os(as) cuidadores(as), o que, subsequentemente, afeta seu bem-estar físico e emocional (veja também DREBY, 2010). Por exemplo, as relações entre pais migrantes e cuidadores(as) podem se tornar tensas por vários motivos, entre os quais a administração de remessas em dinheiro e os cuidados providos às crianças (CARLING *et al.*, 2012; NAGASAKA, 2009). Isto indica que os(as) cuidadores(as) se encontram presos entre as obrigações com as crianças sob seus cuidados e as expectativas de pais migrantes no que toca à forma adequada de gastar as remessas que enviam e lidar com suas crianças. Quando os(as) cuidadores(as) e as crianças se tornam emocionalmente próximos, sua separação repentina (a exemplo de quando os pais migrantes as levam para fora do país) é um processo doloroso para ambos (MORAN-TAYLOR, 2008; YARRIS, 2011). Este processo, geralmente entendido como a reunificação de pais e filhos, é comumente visto como o fim da separação familiar. Não é de surpreender que quando se pergunta pelas perspectivas de cuidadores(as) em estudos sobre o bem-estar de crianças migrantes (MAZZUCATO, SCHANS, 2011), suas vozes são frequentemente analisadas como parte de um estudo mais amplo (DREBY, 2010). Da maneira semelhante, embora seja comum a menção à separação entre cuidadores(as) e crianças em várias pesquisas (e.g. MORAN-TAYLOR, 2008; YARRIS, 2011), ela não é o foco central de análise.

Em termos gerais, é evidente que o caso dos(as) cuidadores(as) e suas relações com as crianças migrantes são negligenciadas em estudos sobre famílias transnacionais em contextos de separação e reunificação familiar. A separação entre cuidadores(as) e crianças que resultam da reunificação entre pais migrantes e suas crianças ainda não foi pesquisada, até onde sabemos. A separação cuidadores(as)-crianças acarreta consequências semelhantes às que resultam da separação pais-crianças? Como ela afeta o bem-estar das crianças nos seus países de recepção, as relações entre cuidadores(as) e crianças e entre pais e crianças? Com base em pesquisas sobre famílias transnacionais, nós exploramos essas questões no caso de cuidadores(as) filipinos que permanecem nas Filipinas e as crianças que eles(as) criaram e que se juntaram a seus pais na França e na Itália.

CUIDAR DE CRIANÇAS EM FAMÍLIAS FILIPINAS

Cuidar de crianças no lugar dos seus pais biológicos não é algo novo nas Filipinas e acontece desde antes da migração filipina se tornar global. Esta prática em que as crianças circulam por entre as suas redes familiares estendidas é crucial para entender os arranjos de cuidados direcionados às crianças nas famílias transnacionais filipinas.

O cuidado das crianças por parentes próximos é uma prática comum e amplamente praticada nas regiões norte e central do país (NAGASAKA, 1998; PARREÑAS, 2001; YU, LIU, 1980), assim como em outras sociedades do Sudeste Asiático (CARSTEN, 1997; GEERTZ, 1961). Antropólogos(as) que conduziram trabalho de campo no norte de Luzon durante a década de 1950 reportaram que, entre 64 crianças de idades entre um a dez anos naquele período, dez eram criadas por pais temporários³ (NYDEGGER; NYDEGGER, 1966, p. 159). Jovens eram cuidados para que pudessem também acompanhar os(as) mais velhos(as), os(as) ajudar nas tarefas domésticas ou acessar conforto material e recompensas (YU, LIU, 1980). Há casos em que meninos e meninas de famílias economicamente desfavorecidas moram em casas de parentes mais prósperos e, como recompensa pelo seu trabalho doméstico, são enviados à escola ou remunerados.

Em uma vila no norte de Luzon onde um dos autores (IN) conduziu um trabalho de campo, deixar crianças aos cuidados de parentes, como avós ou tios é bastante comum. Tais práticas geralmente acontecem por ocasião de morte, separação, migração ou insuficiência econômica de um ou ambos os pais, ou devido ao desejo dos pais temporários de viver com crianças pequenas ou às expectativas deles, futuramente, virem a prover cuidados a estes parentes. Muitas práticas de cuidar de crianças começam na informalidade, usualmente com arranjos temporários para as crianças (see NYDEGGER, NYDEGGER, 1966; YU, LIU, 1980). Caso a criança deseje viver com seus pais temporários, o arranjo temporário eventualmente evolui para uma condição mais duradoura e permanente. Neste caso, não é incomum que as crianças venham a herdar parte ou toda a propriedade de seus pais temporários, especialmente se o relacionamento entre pais temporários e as crianças por eles(as) cuidadas tiver sido firmemente consolidado por coabitação, interações cotidianas, trocas recíprocas de

³ Os autores utilizaram o termo *foster parents* para referirem-se aos membros da família estendida que cuidam das crianças depois que os pais migram para outro país. Porém, na língua inglesa, o termo também se refere a adoção e os diferentes entendimentos legais referentes a esse processo; o que não existe, salvo melhor juízo em língua portuguesa. No texto, não foram abordados os aspectos legais dos países envolvidos, portanto, optou-se, na tradução, por pais temporários, devido aos arranjos familiares descritos pelos autores. No mesmo sentido, para o termo *child fostering*, optou-se por cuidado como uma categorização para crianças que são cuidadas, educadas e acompanhadas por membros da família estendida no contexto filipino.

bens, trabalho e dinheiro. Como a herança não é geralmente algo almejado no momento em que o arranjo de cuidado se inicia, a relação pais temporários-crianças deve ser compreendida como altamente mutável, a depender do tempo e dos esforços que possuem juntos.

No contexto de migração, tais arranjos se modificam: os pais das crianças cuidadas são os que compensam a pessoa que recebe a criança em sua casa (PERTIERRA, 2002). Crianças deixadas nos países de origem pelos pais migrantes são geralmente confiadas a mulheres com vínculo parental, notadamente do lado materno (PARREÑAS, 2005). Não apenas crianças nascidas nas Filipinas se encontram nesta situação, visto que existem também adolescentes nascidas(os) no exterior que são enviadas ao país pelos seus pais migrantes para que cresçam lá (NAGASAKA, 1998, 2015). Restrições de migração e políticas trabalhistas nos países receptores de migração influenciam esta tendência: por exemplo, os contratos de trabalho sem cláusulas que preveem a reunião familiar impedem migrantes de buscarem seus(as) filhos(as) e/ou esposa(o) em casa. Atualmente, a prática de se cuidar de crianças pode ser observada por todo o país, principalmente nas regiões de origem dos migrantes como a região metropolitana de Manila e localidades adjacentes em que o tagalog é língua corrente (NSO, 2012). Esta “cultura de parentesco” (AGUILAR, 2009; CARSTEN, 2000) nas Filipinas tem permitido à famílias transnacionais filipinas suportarem o impacto decorrente da separação devido a migração.

MÉTODOS DE COLETA DE DADOS E AMOSTRAGEM

Os dados apresentados neste artigo se originam de diferentes trabalhos de campo na França, na Itália e nas Filipinas. Os(as) autores(as) adotaram métodos qualitativos de coletas de dados para estes trabalhos de campo, tais como pesquisa documental, entrevistas, observações e discussões de grupo.

Na França, um dos autores (AFF) conduziu uma pesquisa etnográfica na região de Ile-de-France entre outubro de 2009 e fevereiro de 2013 adotando a abordagem do tipo bola-de-neve (não-probabilística). Para obter acesso a geração 1.5 filipina, ela contou com a assistência de três informantes principais: um da organização católica filipina Jovens para Cristo, outro de uma igreja protestante filipina, e o último era um professor de filipino. Adotando a técnica de trabalho de campo de Marcus, que orienta “a seguir” as pessoas, as coisas, as metáforas, as histórias ou alegorias (1995), ela foi às Filipinas a fim de pesquisar a profundidade e a extensão as redes transnacionais

mantidas por alguns migrantes da geração 1.5, que ela havia entrevistado na França. De julho a agosto de 2011, ela visitou quatro famílias: duas na região de Ilocos (nas províncias de Abra e Ilocos Sur), no norte, e outras duas na região tagalog (em Cavite e Oriental Mindoro) na parte leste do país. Ela conduziu entrevistas semi-estruturadas com quatro cuidadoras (todas elas avós) de migrantes da geração 1.5 e que mantinham conversas informais com sete dos seus familiares. A pesquisadora também se encontrou com um dos membros da geração 1.5 previamente entrevistado na França e que estava nas Filipinas por ocasião de um feriado.

No caso da geração 1.5 na Itália, outro autor (IN) adotou a técnica de trabalho de campo de Marcus "para seguir" as pessoas na direção reversa. Ele tem conduzido o seu trabalho de campo antropológico em uma vila rural na região de Ilocos, na parte norte de Luzon, desde o final dos anos de 1990. Tendo notado que tinham saído da vila um número significativo de residentes com destino à Itália desde a década de 1980, ele pesquisou a relação entre migrantes trabalhando na Itália e os(as) cuidadores(as), sendo esses, em sua maioria, parentes e irmãos(ãs) destes migrantes. Os migrantes desta vila começam a levar os seus filhos e filhas em idade escolar para a Itália depois do ano 2000, à medida que suas condições de vida na Itália tinha melhorado. Percebendo esta tendência, ele então começou a pesquisar as experiências de migrantes da geração 1.5 na Itália. Desde então, ele tem visitado a vila rural em Ilocos diversas vezes e observado o comportamento de jovens da geração 1.5 de férias em sua terra natal, bem como os seus relacionamentos com seus prévios(as) cuidadores(as).

Os trabalhos de campo etnográficos acima resultaram em um total de 73 entrevistas com crianças e cuidadores(as). Na França, vinte e um migrantes da geração 1.5 entrevistados tinham entre 15 e 36 anos de idade. Todos haviam migrado à França com menos de 18 anos de idade. Cinco deles haviam nascido na França, mas foram levados às Filipinas ainda bem pequenos (em um escopo de dois meses a quatro anos de idade). Apesar de nascidos na França, esses entrevistados passaram parte de suas infâncias nas Filipinas. Ele, portanto, consideravam a si próprios como *laki doon*, assim como os seus pares filipinos na França. Em termos de gênero, dez dos entrevistados eram homens, sendo o restante mulheres. Entre esses(as), 14 tinham nacionalidade filipina, e sete haviam adquirido nacionalidade francesa. No tocante à educação, seis eram formados em cursos universitários na França, 12 ainda eram estudantes e três tinham finalizado o ensino médio nas Filipinas e decidido a trabalhar na França. Entre os 12 estudantes, muitos tinham empregos de meio-período no setor de serviços,

trabalhando como vendedores, garçons/garçonetes, babás e empregados(as) domésticos(as). O tempo de estadia médio desses entrevistados na França era de oito anos. Entre as quatro avós entrevistadas nas Filipinas, a mais nova tinha 69 anos e a mais velha tinha 90 anos de idade. Duas eram viúvas e duas viviam com os seus maridos. O número de crianças abrangia de três a cinco. No passado, duas eram donas de casa em período integral, uma trabalhava com agricultora com o seu esposo e a outra trabalhava em uma gráfica. No momento da entrevista, duas das avós dependiam inteiramente das remessas enviadas pelas suas crianças, enquanto que as outras duas viviam de empregos que tinham, além das remessas enviadas.

No caso de jovens filipinos da geração 1.5 na Itália, 22 entrevistas com crianças de migrantes filipinos foram conduzidas entre os anos 2010 e 2014. Quatorze deles(as) imigraram para a Itália antes de completarem 18 anos de idade para a reunificação familiar e experimentaram tanto o sistema escolar filipino quanto o italiano. Cinco deles(as) foram cuidados pelos seus parentes nas Filipinas e depois migraram para a Itália sem que tivessem lá estudado. Os outros dois estudaram na Itália, mas passaram parte de suas infâncias nas Filipinas. Entre os quatorze migrantes da geração 1.5, seis nasceram na Itália e foram posteriormente enviados às Filipinas para que ficassem sob cuidado de parentes próximos, geralmente no começo da infância. Dos quatorze migrantes da geração 1.5, sete deles(as) ainda faziam o ensino fundamental no momento em que foram entrevistados(as). Dos sete restantes, apenas um estava estudando na faculdade, após ter concluído um curso técnico, e a maioria deles não conseguiu concluir o ensino fundamental. Depois de parar ou de concluir o ensino fundamental, eles(as) estavam trabalhando como babás, trabalhadores(as) domésticos(as), vendedores(as) na limpeza de prédios. No tocante às entrevistas com os(as) pais temporários, o autor (IN) conduziu entrevistas semiestruturadas com 26 cuidadores(as) e casais de cuidadores que haviam cuidado dessas crianças na Itália durante o período de pesquisa entre 1997 e 2001. Desde então, ele tem continuado a observar os relacionamentos entre os(as) cuidadores(as) e as crianças, quando o autor retornou a campo.

A RELAÇÃO ENTRE CUIDADORES(AS) E CRIANÇAS ANTERIOR À REUNIFICAÇÃO FAMILIAR

A separação de pais e filhos(as) ocorre de duas maneiras nas famílias transnacionais filipinas abordadas neste estudo: quando um dos pais ou ambos migram

para a Europa deixando seus(as) filhos(as) nas Filipinas e quando pais que vivem com seus(as) filhos(as) na Europa decidem levá-los para as Filipinas. A razão mais comum para essas decisões é o desejo dos pais de trabalhar e ganhar suficientemente para sustentar as necessidades da família. Como a imensa maioria dos migrantes filipinos da primeira geração estavam trabalhando ou haviam trabalhado no setor de trabalhos domésticos em ambos os países, outro grande motivo é que poucos empregadores querem contratar empregadas domésticas com crianças pequenas. Em ambos os casos, as crianças são confiadas aos avós (em geral às avós) ou a outros membros da família estendida.

Entre os 21 entrevistados na França que responderam à pesquisa, 17 vivem na casa de seus avós antes de migrarem, dois não residiam com eles e outros dois dividiam uma casa com eles mesmo antes dos seus pais migrarem. Entre os 22 entrevistados na Itália que responderam à pesquisa, onze eram nascidos na Itália e onze nas Filipinas. Entre os nascidos nas Filipinas, cinco tinham mães que voltaram da Itália para as Filipinas para que nascessem, enquanto que seis tinham pais trabalhando e vivendo nas Filipinas no momento de seu nascimento. Os arranjos de moradia do segundo grupo podem ser descritos da seguinte maneira: um residia com seus avós antes da migração de sua mãe, dois ficaram na casa de seus pais, mas sendo seus avós vizinhos de porta-a-porta, dois viviam na casa de seus pais, construída com recursos obtidos em outros países, e um vivia com o seu pai depois que sua mãe se mudou para a Itália. A migração familiar engendrou esses arranjos de convivência, que em quatro casos trazem crianças deixadas em seu país de origem e seus(as) cuidadores(as) em semelhantes situações de separação: os primeiros tendo sido separados dos seus pais e os segundos de seus(as) filhos(as) já adultos(as) ou de seus companheiros(as). Não é de surpreender que crianças e cuidadores(as) compartilham sentimentos semelhantes de separação. Por exemplo, Lorie (19 anos de idade) nasceu em Paris, mas com três anos de idade seus pais se separaram e sua mãe foi com ela para as Filipinas. Depois de nove anos vivendo juntas lá, a sua mãe decidiu trabalhar novamente na França e deixou Lorie aos cuidados de Pacita (71 anos de idade), sua avó materna. Lorie não compreendeu as razões de sua mãe migrar e ficou brava com ela: “É normal se sentir assim porque quando você é criança você não entende a importância do dinheiro, você não compreende porque a sua mãe te troca por dinheiro.”

A dificuldade emocional enfrentada pela Lorie também afetou a sua avó: “Meu peito doía por causa da mãe da Lorie a ter deixado”. Tais sentimentos compartilhados facilitam relações carinhosas entre as crianças e seus(as) cuidadores(as). Ainda assim,

para alguns dos entrevistados que responderam a pesquisa, o começo do relacionamento foi complicado. Mario (16 anos de idade) tinha apenas dois anos de idade quando a sua mãe migrou para a França e ele recorda de sua dificuldade em se ajustar com os seus avós: “Era difícil porque os seus sentimentos para com seu avô e sua avó são diferentes, o amor deles por você é diferente”. Nesses casos, crianças que permanecem em seu país de origem precisam confrontar um duplo desafio emocional – se ajustar à ausência dos seus pais e aos arranjos a que são submetidos pelos(as) seus(as) cuidadores(as).

Muitos dos (as) entrevistados(as) cujos pais já trabalhavam na Itália, na França ou em outros países quando eles(as) nasceram, estavam mais acostumados à ausência dos seus pais do que à rara presença deles durante as visitas às Filipinas. Isto se deve, para eles, ao fato de que seus pais biológicos eram pessoas que tinham de ser apresentados pelos pais temporários. A conversa abaixo ocorrida durante as entrevistas entre dois migrantes da geração 1.5, cujos pais haviam trabalhado na Itália no momento em que nasceram e que foram criados pelas suas tias até o momento em que se mudaram para a Itália, aos 16 e 12 anos de idade respectivamente, ilustra bem esta realidade. Entrevistado A: “Eu não sabia quem era a minha mãe. Eu não os conhecia. Você sabe, eu os chamava de ‘tia’ e de ‘tio’! Entrevistado B: “É, eu também! Eu achava que minha tia era a minha mãe!”

A maioria dos membros da geração 1.5 entrevistadas cujos pais haviam trabalhado fora do país quando eles nasceram não guardaram qualquer memória de viver com os seus pais biológicos. Eles explicaram que o seu relacionamento com os seus(as) cuidadores(as) era mais próximo que o com os seus pais. Em uma comunidade em Ilocos, onde cuidar de crianças de parentes era algo tradicionalmente feito e considerado normal crianças sob responsabilidade de familiares, ser “deixado para trás” por pais migrantes não era considerado um estigma (NAGASAKA, 2016). Nesses contextos sociais, não é de surpreender que os(as) entrevistados(as) descrevem as suas experiências de reunificação familiar na Itália como a “separação de sua família”. Delia (21 anos de idade), que nasceu na Itália e foi enviada de volta à comunidade local sob os cuidados da irmã solteira de sua mãe, compartilhou a sua estória:

“[D]esde que eu cheguei aqui, meu coração estava sempre nas Filipinas porque eu deixei muitas coisas lá. Eles são a família com que eu cresci. Eles são minha tia, avô, avó, primos, sobrinhas e parentes.”

No tocante aos(às) cuidadores(as), muitos(as) deles(as) são “cuidadores(as) em série”, isto é, há muitos anos cuidam das crianças dos seus filhos, sobrinhos e sobrinhas, um após o outro ou ao mesmo tempo. Maria (76 anos de idade) cuidava de seus seis netos(as), cujos pais haviam migrado para a França, enquanto que Flora (69 anos de idade) estava cuidando de oito crianças, tendo o mais novo quase um ano de idade. Semelhantemente, Virginia e seu marido em Ilocos havia cuidado de seis netos(as), cujos pais (um filho e duas filhas de Virginia) estavam trabalhando na Itália quando eles nasceram ou durante o começo de suas infâncias. Esses cuidadores promovem cuidados práticos e emocionais para as crianças. Pacita acompanhou Lorie em cada aspecto de sua vida e sempre dormiu com ela lado-a-lado na mesma cama, dividindo o mesmo cobertor. Maria fez o mesmo com as seis crianças de que cuidava até se tornarem adolescentes, período no qual ela deu a cada um deles camas individuais e seus próprios quartos. Os(as) cuidadores(as) também agiram como intermediários entre os pais migrantes e seus(as) filhos(as). Eles comumente conversavam com os pais migrantes cada vez que eles ligavam para perguntar sobre como suas(seus) filhas(os) estavam. Além disso, eles administram as remessas que recebem de fora e as propriedades imobiliárias dos pais migrantes.

Conforme os anos se passaram, um relacionamento emocionalmente próximo entre cuidadores(as) e crianças que permaneceram em seu país de origem se desenvolveu (como ilustrado no caso de Delia acima), não somente por causa da convivência cotidiana compartilhada e pela interação indireta e limitada com os pais migrantes, mas também pela onipresença de práticas de criação bem como a natureza flexível das relações familiares na comunidade local (veja AGUILAR, 2009; CARSTEN, 1997). A força deste relacionamento é testada quando pais migrantes promovem a reunificação familiar no seu país de recepção. Durante este processo, nem os jovens entrevistados nem, em muitos casos, os(as) seus(as) cuidadores(as) foram incluídos no processo de decisão. Foram os pais que decidiram que os seus(as) filhos(as) migrariam (quando, como, porque) e processaram os seus documentos para tanto. Esta situação sugere as relações de poder em famílias transnacionais filipinas: a migração confere poder aos pais migrantes não apenas economicamente, mas também no tocante a decisões tomadas no âmbito do lar. Naquele período, a maior parte dos entrevistados da geração 1.5 na França e na Itália havia sido separada dos seus pais aos sete e aos dez anos de idade em média, respectivamente.

Mesmo assim, nem todos eles estavam dispostos a ir para a Europa: cinco entrevistados na França hesitaram, inicialmente, em migrar devido à vida confortável

que levavam nas Filipinas, aos projetos futuros que lá tinham, e as boas relações com os(as) seus(as) cuidadores(as). Como explica Mario: “Quando você cresce com o seu avô e a sua avó, você acha estranho os deixar para trás”. No caso dos entrevistados na Itália, a maioria deles não participou do processo de decisório e a decisão de seus pais foi tomada contrariamente à sua vontade. Segundo foi compartilhado abaixo por Jacky (24 anos de idade):

Eu não queria estudar aqui [Itália]. Se você estuda aqui, os relacionamentos com os seus amigos aqui seriam muito diferentes. Então você precisa se adaptar. Se eu estudasse lá [Filipinas], todos os meus colegas conheceriam um ao outro já que todos nós teríamos estudado na mesma escola.

A mãe da Jacky não a contou do seu plano de ir morar na Itália antes que ela partisse para a Itália; a sua mãe disse que iriam passar as férias em Roma.

Embora eles não fizeram parte do processo de decisão, muitos dos jovens entrevistados apreciavam o esforço feito pelos seus pais para que fossem para a Europa. De igual maneira, alguns(mas) cuidadores(as) foram, inicialmente, hesitantes em deixar partir as crianças de que eles(as) cuidavam, mas depois concordaram com a decisão tomada pelos pais migrantes. Um dos(as) cuidadores(as) abaixo dividiu a maneira como experimentou e lidou emocionalmente com esta separação:

Eu disse a eles (as crianças deixadas para trás), o momento chegaria em que teríamos de nos separar uns dos outros. Claro, os pais deles ficariam com eles. Eu só estou aqui para cuidar deles enquanto viverem aqui. Quando chegasse a hora, eles iriam embora, mas a vida deles seria melhor.

Muitos(as) cuidadores(as) entrevistados confessaram que choraram muito quando as crianças de que eles cuidaram por tantos anos partiu. Sendo assim, a reunião pais-filhos(as) ofusca outra separação com consequências emocionais difíceis de confrontar.

A RELAÇÃO ENTRE CUIDADORES(AS) E CRIANÇAS PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS NACIONAIS

A reunificação pais-filhos(as) nem sempre significa o fim das dificuldades emocionais entre os pais e suas crianças, já que este é geralmente um momento em que ambos se dão conta da distância afetiva que os separa uns dos outros. A situação se torna complexa quando as crianças sentem falta dos(as) seus(as) cuidadores(as) no país de origem e vice-versa.

Tina (20 anos de idade) tinha cinco anos de idade quando a sua mãe migrou para a França e oito anos de idade quando o seu pai foi ao encontro de sua mãe naquele

país. Sua avó Maria criou a ela e a sua irmã. Quando Tina foi diagnosticada com uma doença cardíaca, seus pais decidiram que ela iria à França para que fosse lá tratada. Ela tinha 15 anos de idade quando chegou no país e achou difícil se ajustar ao seu novo arranjo familiar. Ela sempre tinha conflitos verbais com a sua mãe, parcialmente devido às comparações que ela fazia entre sua mãe e sua avó. O choque da separação com a sua cuidadora fez Tina ressentir a sua relação com a mãe, que ficava surpresa com a sua atitude, dizendo “por que você se comporta desta maneira? Você era tão doce no telefone [enquanto estava nas Filipinas]”. Discutir com seus pais quando era castigada ou repreendida é, aparentemente, a forma encontrada por alguns dos(as) entrevistados(as) respondentes como Tina na França para se ajustar aos modos de cuidado de seus pais e seus(as) cuidadores(as). Algumas das entrevistadas adotaram comportamentos “indesejáveis” aos olhos de seus pais: “Quando minha mãe descobriu que eu havia começado a fumar, ‘por que você está ficando assim? Eu fiz alguma coisa errada? Foi ruim a maneira que eu te criei?’”.

Entrevistados(as) na Itália também comentaram sobre a distância afetiva em relação aos seus pais. Muitos entrevistados da geração 1.5 que responderam à pesquisa relaram que seus pais não compreendiam a sua personalidade (*ugali*). Delia, cujos sentimentos sobre a reunificação familiar citamos acima, descreveu a sua relação íntima com sua anterior cuidadora como segue:

Eu não tinha sentimentos próximos com os meus pais [quando era cuidada pela sua tia]. Mesmo agora, nós não somos muito próximos porque eu não cresci sob os cuidadores deles. Com a minha tia [cuidadora dela] eu poderia contar uma piada, mas não posso fazer isso com os meus pais. Quando volto às Filipinas, eu ainda posso contar uma piada para a minha tia. Mas já estou me acostumando [a viver com os meus pais].

Ela também relatou que hábitos como beber e fumar foram alvo de críticas por parentes na Itália:

Eu quero parar [de fumar] porque é caro e faz mal à saúde. Além disso, não quero façam fofoca de meus pais por minha causa. Meu irmão também fuma, mas nossas tias não dizem nada sobre ele... Eu não me importo que me critiquem por manter um hábito ruim. Mas quando penso que irão fazer fofoca dos meus pais [entre os parentes em Roma] eu me sinto mal porque eles serão criticados por não terem me criado direito.

A narrativa da sua história revela seus sentimentos mistos em relação aos seus pais. Ela simultaneamente sugere que os padrões de dificuldade emocionais não são apenas temporais, mas de gênero. Na França e na Itália, não é incomum que jovens migrantes filipinos e filipinas fumam e bebam quando estão reunidos. No entanto, levando em conta que normas de gênero se reproduzem entre os migrantes da primeira

geração através de interações cotidianas reais ou virtuais com seus parentes, tanto nos países de origem quanto nos de recepção, somente o comportamento ou os “vícios” das meninas se tornam alvo de fofoca ou de crítica pelos parentes (veja ESPIRITU, 2001).

Os pais dos(as) entrevistados(as) que respondem a pesquisa também enfrentaram dificuldades ao perceber e sentir que seus(as) filhos(as) eram emocionalmente distantes deles(as) e que tinham relações de confiança com os(as) seus(as) cuidadores(as) nas Filipinas, como demonstrado no caso de Tina na França. Esta situação revela que a migração de seus pais afetou a sua relação com os(as) seus(as) filhos(as) e que as suas relações emocionais estão conectadas às de seus(as) filhos(as). Nestes casos, as dificuldades emocionais são, de fato, intersubjetivas (HORTON, 2009).

Apesar da vida corrida que levam no país de recepção, os entrevistados da geração 1.5 que responderam à pesquisa foram capazes de manter relações próximas com os seus(as) cuidadores(as) usando as seguintes estratégias. Primeiro, eles os(as) ligavam regularmente pela internet ou pelo telefone e até os enviavam fotografias. Segundo, seguiam o conselho de seus(as) cuidadores(as), como não responder a seus pais quando eles os(as) castigavam ou disciplinavam. Terceiro, eles visitavam seus(as) antigos(as) cuidadores(as) durante as férias, geralmente a cada três ou quatro anos, dependendo das condições financeiras de seus pais. Ao contrário dos seus pais migrantes que forneciam assistência financeira regular a alguns parentes nas Filipinas, poucos entrevistados enviavam ajuda financeira para casa; quando isso ocorria, enviavam na sua maioria pequenas quantias quando solicitados e em tempos de urgência. A possível razão disso é que a maioria dos entrevistados que responderam à pesquisa eram ainda estudantes no momento da entrevista e dependiam financeiramente de seus pais.

No que diz respeito aos(as) cuidadores(as) que ficaram para trás, eles(as) também passaram por dificuldades emocionais. Por exemplo, Flora cuidou de Julio, nascido em Paris, em dois períodos distintos: de quando este tinha dois meses até os três anos de idade e, posteriormente, de quando tinha oito anos de idade até alcançar onze anos de idade. Entre esses dois períodos, Julio morou na França com os seus pais. Ele foi levado de volta às Filipinas em razão da complicada vida que seus pais estavam levando como migrantes ilegais naquele momento. A separação mais desafiadora entre Flora e Julio foi quando ele já estava crescendo. Eles não gostaram de se separar, mas nada puderam fazer. A decisão da mãe do Julio prevaleceu. Flora encontrou uma estratégia para reduzir a sua dor: “Eu voltei a minha atenção aos meus (outros) netos”, cuja mãe também estava trabalhando na França.

Assim como Flora, Pacita, a avó de Lorie, confidenciou o quanto fora desafiadora a sua experiência: “Eu sofri durante um mês, particularmente a cada vez que via as roupas e os livros dela pela casa”. Apesar da distância geográfica e da diferença em fuso horário que as separava de seus(as) netos(as), as avós dos(as) jovens entrevistados(as) na França continuaram a cumprir com o papel de cuidadoras lhes dando conselhos pelo telefone, cuidando deles(as) durante as férias como elas estavam acostumadas a fazer e, em dois casos, os(as) visitando na França. Elas também serviam de mediadoras quando seus(as) netos(as) têm conflitos com os seus pais. Para manter vivas em sua mente as memórias dos seus(as) netos(as) migrantes, elas evocavam nas conversas diárias com seus familiares os presentes dados aos seus netos migrantes durante a infância. Elas mantiveram pertences pessoais e fotografias. Durante a visita de uma das autoras (AFF) à casa de uma das avós, ela viu três fotografias dos netos migrantes desta senhora sob a mesa na sala de estar. Estas fotografias a fazem recordar as boas lembranças junto com os(as) netos(as) e manter viva a afeição que sente por eles(as). Além disso, três das avós entrevistadas disseram que os computadores haviam se tornado parte de suas vidas. Por exemplo, na casa de uma das avós, um *laptop* estava a mostra na sala de estar. Durante as chamadas de vídeo, as avós se sentiam próximas de seus(as) netos(as). Como disse, Maria, a avó de Tina: “nós vemos uma a outra. É como se ela estivesse aqui. Isso me deixa feliz”.

O FUTURO DE SUAS VIDAS AQUI E/OU ACOLÁ

Entrevistados(as) migrantes e os(as) seus(as) cuidadores(as) que responderam à pesquisa, são esperançosos quanto ao futuro, e ao mesmo tempo aceitam que a separação e a reunificação familiar fariam parte de suas vidas em mobilidade. Os seus planos refletem as suas interconexões por entre o tempo e o espaço.

Expondo a maneira que vê o futuro, Maria (avó de Tina) respondeu: “se eu fosse realmente interrogada, eu responderia aqui [Filipinas], mas as minhas crianças gostariam que eu fosse para lá [para fora do país], então eu aceito”. Os outros(as) cuidadores(as) dos(as) entrevistados(as) na França gostariam de passar a velhice nas Filipinas e continuar a cuidar dos(as) outros(as) netos(as) que vivem com eles(as) enquanto tiverem forças para tanto. Os papéis das avós cuidadoras e seu amparo emocional estão subsumidos em sua posição de poder e fragilidade dentro da família transnacional filipina. Elas ocuparam uma posição de poder, uma vez que seus(as) filhos(as) migrantes as confiaram nelas para cuidar de seus filhos que permaneceram

nas Filipinas, do orçamento familiar e, em geral, para decidir o que bom para as crianças. Este poder das cuidadoras “deixadas para trás” na comunidade no país de origem talvez venha a se fortalecer no futuro, visto que o número de potenciais cuidadores(as) está diminuindo como resultado dos fluxos migratórios na comunidade e o envelhecimento de parentes próximos dos migrantes. Como reconhecimento pelas contribuições emocionais e efetivas dos(as) cuidadores(as), muitos migrantes continuam a lhes auxiliar financeiramente, mesmo depois do fim dos seus arranjos de cuidado depois que as crianças migram para a Europa.

No entanto, cuidadores(as) ocupam uma posição de fragilidade por causa de sua localização na hierarquia de influência na família, já que não são eles(as) mas os pais migrantes que têm a última palavra, conforme nós observamos nos processos de decisão que concernem a reunião familiar. Como sugere a narrativa contada acima por Maria, cuidadores(as) também possuem menos poder de decidir como viver a sua velhice, já que são economicamente dependentes das suas crianças. A palavra destes últimos influencia os planos dos(as) cuidadores(as) para o futuro: migrar para se juntar aos(as) seus(as) filhos(as) e netos(as) ou ficar nas Filipinas.

Contrariamente a eles(as), os(as) migrantes entrevistados(as) parecem ter mais liberdade que seus(as) cuidadores(as) para decidir sobre o seu futuro. Na França, eles imaginam as suas vidas entre a Europa e as Filipinas. Na primeira, eles gostariam de construir sua própria família nuclear, estabelecer uma carreira profissional e viver os seus anos de aposentaria. Ao mesmo tempo, eles pretendem manter contato com seus parentes e sentem a necessidade de sustentar financeiramente os(as) seus(as) cuidadores(as) (veja também FRESNOZA-FLOT, 2015b). Julio (migrante na França com 19 anos de idade), por exemplo, assegura a sua avó e seu avô cada vez que fala com eles que “quando eu tiver um emprego, vocês não vão passar fome”.

Na Itália, entrevistados que haviam sido cuidados desde o começo de suas infâncias estavam preocupados em manter um relacionamento próximo com aqueles(as) que anteriormente cuidaram deles(as). Muitos entrevistados(as) respondentes imaginavam as suas vidas com os seus parceiros nas Filipinas ou em outros países e não na Itália⁴, mas eles(as) geralmente enfatizavam suas ligações emocionais aos seus cuidadores de então. Aliás, alguns dos respondentes à pesquisa expressaram disposição para auxiliar não apenas os seus pais mas também os seus(as)

⁴ Cabe notar que entrevistados geração 1.5 na Itália tendem a imaginar o futuro de suas vidas vivendo em outro país. Ainda que esta tendência pareça estar relacionada às suas experiências de vida em específico, tanto em países de envio e de recepção, esta questão será melhor desenvolvida em outro artigo.

cuidadores(as), porque ambos haviam “se sacrificado” pelo futuro de suas crianças, netos(as) ou sobrinhos(as).

Além disso, muitos dos respondentes à pesquisa, ao se endereçar aos(as) seus(as) cuidadores(as), os(as) tratam, por exemplo, por *nanay* (mamãe) ou *inang* (mamãe) e *tatay* (papai) ou *tatang* (papai), enquanto que chamam seus pais biológicos com outro nome, como *mama* e *papa*. Este uso de pronomes de tratamento nos lembra do que salientou um estudo sobre laços de parentesco nas Filipinas Centrais, que o estado de cuidar de crianças não anula os laços com os pais biológicos, mas facilita o estabelecimento de múltiplas formas de maternidades e paternidades (YU, LIU, 1980, p. 255-256). Os entrevistados(as) respondentes parecem tentar sustentar suas múltiplas ligações de parentesco tratando os(as) seus(as) cuidadores(as) de outrora por “pais” e sutilmente os diferenciando deles. Neste processo, eles reconhecem e fortalecem os laços filiais com seus pais biológicos, que sabem da distância emocional com os seus filhos. Neste sentido, podemos dizer que não apenas seus relacionamentos com os(as) cuidadores(as) de antigamente, mas também os seus relacionamentos filiais estão sendo reconstruídos pelas interações cotidianas e pelos esforços mútuos. Pesquisadores e estudiosos das migrações deve, portanto, problematizar com mais cuidado o dito “labor emocional” (HOCHSCHILD, 1983) ou “trabalho de parentesco” (DI LEONARDO, 1987) de migrantes e não-migrantes que estão diferentemente posicionados dentro das redes da família estendida em determinado momento e localização.

Não obstante, frente à questão de como e quando os(as) cuidadores(as) iriam viver a velhice, alguns dos entrevistados responderam que deixariam seus pais serem os únicos a discutir esses assuntos com eles(as). Isso traz algumas questões sobre piedade filial e a desigual relação entre as gerações nas comunidades filipinas de migrantes na Europa e as suas famílias transnacionais. Na região de Ilocos, de onde os respondentes da Itália vieram, as pessoas devem demonstrar respeito àqueles(as) das gerações anteriores utilizando os adequados pronomes de tratamento. Da mesma forma, muitos entrevistados da geração 1.5 na França e na Itália enfatizam o significado da piedade filial e atitudes respeitável para com os(as) da geração antecedente. Eles(as) muitas vezes incorporaram esses valores durante o seu crescimento dentro da comunidade migrante filipina. De fato, as normas de senioridade, em contraste com as relações filiais e intergeracionais mais igualitárias na Europa, tem sido reproduzidas e fortalecidas dentro dessas comunidade e se tornado, no transcorrer deste processo, uma fonte da identificação cultural dos entrevistados.

Enquanto que relações desiguais entre as comunidades migrantes e as famílias transnacionais aparentemente se reproduzem nas batalhas cotidianas que enfrentam nos países de recepção (veja ESPIRITU, 2001), é equivocado enxergar tais relações como intactas. Ao passo que os migrantes de primeira geração gradualmente ganham poder equiparável ao de seus parentes e avós não-migrantes nos países nas suas famílias transnacionais, as relações de poder entre a primeira geração e a geração 1.5 devem ser compreendidas como mutáveis. Por exemplo, a primeira geração na Itália iniciou um retorno às Filipinas pós-aposentadoria e as suas crianças, muitas das quais são membras da geração 1.5, estão se tornando “deixados para trás” na Itália. Há casos em que os jovens da geração 1.5 apoiam os seus pais, agora ex-migrantes⁵. De fato, um trabalhador migrante da geração 1.5 na Itália promove além de ajuda financeira esporádica à sua mãe e à sua antiga cuidadora, que são irmãs e hoje são vizinhas de porta-a-porta, mas também fez investimentos econômicos no seu novo negócio de bebidas em sua vila. Por mais que seja difícil antever a direção nos câmbios de poder nos relacionamentos em suas famílias transnacionais, isso sugere o significado das memórias de cuidado nas famílias transnacionais bem como a necessidade de uma perspectiva temporal a fim de alcançar uma imagem com nuances das relações mutáveis entre crianças migrantes, os seus pais e os(as) seus(as) cuidadores(as).

CONCLUSÃO

O presente artigo investigou o impacto da reunificação familiar na relação cuidadores(as)-crianças e a influência desta díade sob as relações pais-filhos(as). Ao proceder desta maneira, este estudo descobriu as sutilezas da arte de cuidar de crianças e lançou luz sobre as repercussões da reunificação familiar não apenas na relação pais-filhos(as), mas também nas relação cuidadores(as)-crianças, menos visível, dentro de famílias transnacionais filipinas.

Este estudo ilustrou a prática corrente e amplamente realizada de se cuidar de crianças de parentes próximos entre os laços familiares nas Filipinas. O elemento mais impressionante desta prática é que as relações entre os pais temporários e as crianças por eles(as) cuidadas é altamente mutável e flexível. A criação de crianças entre parentes próximos geralmente começa como um arranjo temporário de cuidado e pode

⁵ No entanto, nós precisamos nos atentar ao fato que muitos membros da primeira geração estão agora recebendo nas Filipinas pensões mensais vindas da Itália, o que pode lhes fornecer uma fonte de poder nas comunidades locais.

vir a se desenvolver para um laço mais duradouro e consolidado sob uma “cultura da relacionalidade” (CARSTEN, 2000). Embora há que se prestar atenção aos conflitos e tensões entre pais migrantes, cuidadores(as) e crianças migrantes (veja CARLING e outros, 2012), é crucial perceber que a natureza mutável e flexível da secular prática de cuidar de crianças facilita o trabalho (em muitos casos, trabalho doméstico, com crianças pequenas) de muitos migrantes filipinos na França e Itália. Contando com esta forma de cuidado para as crianças migrantes e a forte presença de crianças migrantes nessas comunidades, crianças migrantes (em especial as da região de Ilocos) não se tornam necessariamente estigmatizadas por terem sido “deixadas para trás” pelos seus pais migrantes.

Não obstante, é importante enfatizar que a disponibilidade da prática secular de cuidar de crianças nem sempre abranda as dificuldades emocionais enfrentadas por membros das famílias transnacionais envolvidos nos arranjos do cuidado. Muitos pais migrantes e seus filhos(as) da geração 1.5 sentem-se mutuamente afetivamente distantes após a reunificação familiar (veja FRESNOZA-FLOT, 2015a; NAGASAKA, 2016; SCHAPIRO, 2002; SCHMALZBAUER, 2008). Crianças de migrantes compararam esse distanciamento emocional à proximidade afetiva que possuíam com seus antigos(as) cuidadores(as). As dificuldades emocionais também possuem recorte de gênero, sendo que as meninas entrevistadas se sentiam estranhamentos com seus pais e sentiam falta dos(as) seus(as) cuidadores(as), tal como ilustram os casos de Tina na França e Delia na Itália.

Apesar do impacto emocional da separação de seus(as) cuidadores(as), muitos(as) entrevistados(as) da geração 1.5 que responderam à pesquisa reconhecem os esforços e sacrifícios que fizeram seus pais e cuidadores(as) e compreenderam o valor da construção cultural da piedade filial. Eles expressaram sua gratidão aos(as) antigos(as) cuidadores(as) enfatizando sua disposição para os (as) sustentar financeiramente no futuro e utilizando pronomes de tratamento comumente empregados aos pais nas Filipinas. Eles também mantiveram contato regular com seus(as) antigos(as) cuidadores(as) de várias formas, incluindo o uso de tecnologias de comunicação digital. Todas essas descobertas empíricas sugerem que prestar atenção à especificidade dos laços múltiplos em famílias transnacionais, suas interconexões e os esforços de cada membro da família em navegar entre os vários relacionamentos que constituem propicia uma imagem com mais nuance sobre as dinâmicas de famílias em trânsito. À medida que mais e mais filipinos(as) da geração 1.5 se tornam jovens adultos na França e na Itália, se torna mais relevante olhar atentamente para a maneira

com que eles(as) socialmente se incorporam nestes países em termos profissionais e na escolha de seus(as) parceiros(as). No que toca aos(às) seus(as) cuidadores(as) e pais migrantes, um estudo aprofundado sobre suas experiências com o envelhecimento entre fronteiras ofereceria novas perspectivas sobre cuidadores parentais intergeracionais.

REFERÊNCIAS

AGENEAU-DUNIAU, Nicole. Les enfants en situation de migration. In AGOSSOU, Thérèse (Ed). **Regards d'Afrique sur la maltraitance**. Paris: Karthala. 2000. p. 153-160.

AGUILAR, Filomeno V. **Maalwang buhay**: family, overseas migration, and cultures of relatedness in Barangay Paraiso. Quezon City: Ateneo de Manila University Press. 2009.

ASIS, Maruja. Living with migration. Experiences of left-behind children in the Philippines. **Asian Population Studies**, v. 2, n. 1, p. 45-67, 2006.

BARTLEY, Allen; SPOONLEY, Paul. Intergenerational transnationalism: 1.5 generation Asian migrants in New Zealand. **International Migration**, v. 46, n. 4, p. 63-84, 2008.

BATTISTELLA, Graziano; CONACO, Ma. Cecilia G. The impact of labour migration on the children left behind: a study of elementary school children in the Philippines. **Sojourn: Journal of Social Issues in Southeast Asia**, v. 13, n. 2, p. 220-241, 1998.

BATTISTELLA, Graziano. Family reunification: policies and issues. **Asian and Pacific Migration Journal**, v. 4, n. 2-3, p. 233-252, 1995.

BOEHM, Deborah A. "For My Children:" Constructing Family and Navigating the State in the US-Mexico Transnation. **Anthropological Quarterly**, v. 81, n. 4, p. 777-802, 2008.

BONIZZONI, Paola. Uneven paths: Latin American women facing Italian family reunification policies. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 41, n. 12, p. 2001-2020, 2015.

BONIZZONI, Paola. Here or there? Shifting meanings and practices in mother-child relationships across time and space. **International Migration**, v. 53, n. 6, p. 166-182, 2012.

BOWLBY, John. **Attachment**. New York: Basic Books. 2008.

BRYCESON, Deborah Fahy; VUORELA, Ulla. (Eds). **The transnational family**. New European frontiers and global networks. Oxford: Berg. 2002.

CARLING, Jørgen; MENJÍVAR, Cecilia; SCHMALZBAUER, Leah. Central themes in the study of transnational parenthood. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 38, n. 2, p. 191-217, 2012.

- CARSTEN, Janet. **The heat of the hearth**. The process of kinship in a Malay fishing community. Oxford: Clarendon press. 1997.
- CARSTEN, Janet. Introduction. Cultures of relatedness. In CARSTEN, JANET (Ed). **Cultures of relatedness**. New approaches to the study of kinship. Cambridge: Cambridge University Press. 2000. p. 1-36.
- DANKYI, Ernestina; MAZZUCATO, Valentina; MANUH, Takyiwaa. Reciprocity in global social protection: Providing care for migrants' children. **Oxford Development Studies**, v. 45, n. 1, p. 80-95.
- DI LEONARDO, Micaela. The female world of cards and holidays: Women, families, and the work of kinship. **Signs**, v. 12, n. 3, p. 440-453, 1987.
- DREBY, Joanna. **Divided by borders**: Mexican migrants and their children. Berkeley: University of California Press. 2010.
- DREBY, Joanna. Children and power in Mexican transnational Families. **Journal of Marriage and Family**, v. 69, n. 4, p. 1050-1064, 2007.
- DREBY, Joanna. Honor and virtue: Mexican parenting in the transnational context. **Gender & Society**, v. 20, n. 1, 32-59, 2006.
- DUCU, Viorela. Displaying grandparenting within Romanian transnational families. **Global Networks**, v. 20, n. 2, p. 380-395, 2020.
- ESPIRITU, Yen Le. "We don't sleep around like white girls do": family, culture, and gender in Filipina American lives. **Signs**, v. 26, n. 2, p. 415-440, 2001.
- FRESNOZA-FLOT, Asuncion. The bumpy landscape of family reunification: experiences of first-and 1.5-generation Filipinos in France. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 41, n. 7, p. 1152-1171, 2015a.
- FRESNOZA-FLOT, Asuncion. Un double ancrage : liens familiaux et insertion sociale des enfants d'immigrés philippins en France [A double anchoring: familial links and social insertion of Filipino immigrant children in France]. **Enfances, Familles et Générations**, n. 2, p. 159-181. 2015b.
- FRESNOZA-FLOT, Asuncion. **Mères migrantes sans frontières**. La dimension invisible de l'immigration philippine en France [Migrant mothers without borders. The invisible dimension of Filipino immigration to France]. Paris: L'Harmattan. 2013.
- FRESNOZA-FLOT, Asuncion. Migration status and transnational mothering: the case of Filipino migrants in France. **Global Networks**, v. 9, n. 2, p. 252-270, 2009.
- FRESNOZA-FLOT, Asuncion; NAGASAKA, Itaru. Conceptualizing childhoods in transnational families: the 'mobile childhoods' lens. In NAGASAKA, Itaru; FRESNOZA-FLOT (Eds). **Mobile childhoods in Filipino transnational families**. Migrant children with similar roots in different routes. Basingstoke and New York: Palgrave Macmillan. 2015. p. 23-41.

GEERTZ, Hildred. **The Javanese family**: a study of kinship and socialization. Prospect Heights, IL: Waveland Press. 1961.

HOANG, Lan Anh; YEOH, Brenda S. A. Breadwinning wives and "left-behind" husbands: men and masculinities in the Vietnamese transnational family. **Gender & Society**, v. 25, n. 6, p. 717-739, 2011.

HOCHSCHILD, Arlie R. **The managed heart**. Commercialization of human feeling Berkeley: University of California Press. 1983.

LAHAIE, Claudia; HAYES, Jeffrey A.; PIPER, LAHAIE, Claudia, HAYES, Jeffrey A., PIPER, Tinka Markham; HEYMANN, Jody. Work and family divided across borders: the impact of parental migration on Mexican children in transnational families. **Community, Work & Family**, v. 12, n. 3, p. 299-312, 2009.

LUTZ Helma. Masculinity, care and stay-behind fathers: A postsocialist perspective. **Critical Sociology**, v. 44, n. 7-8, p. 1061-1076, 2018.

MARCUS, George E. Ethnography in/ of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, 24, p. 95-117. 1995.

MAZZUCATO, Valentina; CEBOTARI, Victor; VEALE, Angela; WHITE, Allen; GRASSI, Marzia. International parental migration and the psychological well-being of children in Ghana, Nigeria, and Angola. **Social Science & Medicine**, v. 132, p. 215-224, 2015.

MAZZUCATO, Valentina; SCHANS, Djamila. Transnational families and the well-being of children: Conceptual and methodological challenges. **Journal of Marriage and the Family**, v. 73, n. 4, p. 704-712, 2011.

MORAN-TAYLOR, Michelle J. When mothers and fathers migrate North: caretakers, children, and child rearing in Guatemala. **Latin American Perspectives**, v. 35, n. 4, p. 79-95. 2008.

MOZÈRE, Liane. Filipina women as domestic workers in Paris. A transnational labour market enabling the fulfilment of a life project? In Spaan, Ernst; Hillmann, Felicitas; van Naerssen, Ton (Eds). **Asian migrants and European labour markets**. Patterns and processes of immigrant labour market insertion in Europe. Oxon and New York: Routledge. 2005. p. 177-194.

NAGASAKA, Itaru. Kinship networks and child fostering in labor migration from Ilocos, Philippines to Italy. **Asian and Pacific Migration Journal**, v. 7, n. 1, p. 67-92, 1998.

NAGASAKA, Itaru. **Kokkyo wo koeru Firipin murabito no minzokushi: toransunasyonizumu no jinruigaku** [Ethnography of Filipino transnational villagers: Anthropology of transnationalism]. Tokyo: Akashi Syoten. 2009.

NAGASAKA, Itaru. Immigrating into a segregated social space: the case of 1.5-generation Filipinos in Italy. In NAGASAKA, Itaru; FRESNOZA-FLOT (Eds). **Mobile childhoods in Filipino transnational families**. Migrant children with similar roots in different routes. Basingstoke and New York: Palgrave Macmillan. 2015. p. 1-19.

NAGASAKA, Itaru; FRESNOZA-FLOT, Asuncion. Introduction. In NAGASAKA, Itaru; FRESNOZA-FLOT (Eds). **Mobile childhoods in Filipino transnational families**. Migrant children with similar roots in different routes. Basingstoke and New York: Palgrave Macmillan. 2015. p. 87-116.

NAGASAKA, Itaru. Growing up in a transnational family: experiences of family separation and reunification of Filipino migrants' children in Italy. In UM, Khatharya; GASPAR, Sofia (Eds). **Southeast Asian migration**. People on the move in search of work, refuge and belonging. Brighton, UK: Sussex Academic Press. 2016. p. 19-39.

NAGASAKA, Itaru; FRESNOZA-FLOT, Asuncion (Eds). **Mobile childhoods in Filipino transnational families**. Migrant children with similar roots in different routes. Basingstoke and New York: Palgrave Macmillan. 2015.

NYDEGGER, William Frank; NYDEGGER, Corinne. **Tarong**. An Ilocos barrio in the Philippines. New York: John Wiley & Sons. 1966.

NSO, National Statistics Office. **2011 survey on overseas Filipinos (SOF)**. Available in <<http://www.census.gov.ph/content/2011-survey-overseas-filipinos-sof>> Accessed 8 June 2013.

OLWIG, Karen Fog. Narratives of the children left behind: home and identity in globalized Caribbean families. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 25, n. 2, p. 267-284. 1999.

PANTEA, Maria-Carmen. Grandmothers as main caregivers in the context of parental migration. **European Journal of Social Work**, v. 15, n. 1, p. 63-80, 2012.

PARREÑAS, Rachel S. **Children of global migration**: transnational families and gendered woes. Stanford, California: Stanford University Press. 2005.

PERTIERRA, Raul. **The work of culture**. Manila: De La Salle University Press. 2002.

PINGOL, Alicia. **Remaking masculinities**: identity, power, and gender dynamics in families with migrant wives and househusbands. Diliman: UP Center for Women's Studies. 2001.

POEZE, Miranda; DANKYI, Ernestina K.; MAZZUCATO, Valentina. Navigating transnational childcare relationships: migrant parents and their children's caregivers in the origin country. **Global Networks**, v. 17, n. 1, p. 111-129, 2017.

PRIBILSKY, Jason. Consumption dilemmas: tracking masculinity, money and transnational fatherhood between the Ecuadorian Andes and New York City. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 38, n. 2, p. 323-343, 2012.

ROUSSEAU, Cécile; RUFAGARI, Marie-Claire; BAGILISHYAA, Déogratias; MEASHAM, Toby. Remaking family life: strategies for re-establishing continuity among Congolese refugees during the family reunification process. **Social Science & Medicine**, v. 59, n. 5, p. 1095-1108, 2004.

SAVE THE CHILDREN. **Left behind, left out**: the impact on children and families of mothers migrating for work abroad. Colombo: Save the Children, Sri Lanka. 2006.

SCHAPIRO, Naomi A. Issues of separation and reunification in immigrant Latina youth. **Nursing Clinics**, v. 37, n. 3, p. 381-392, 2002.

SCHAPIRO, Naomi A.; KOOLS, Susan M.; WEISS, Sandra J.; BRINDIS, Claire D. Separation and reunification: the experiences of adolescents living in transnational families. **Current Problems in Pediatric and Adolescent Health Care**, v. 43, n. 3, p. 48-68, 2013.

SCHMALZBAUER, Leah. Family divided: the class formation of Honduran transnational families. **Global Networks**, v. 8, n. 3, p. 329-346, 2008.

SMITH, Robert. **Mexican New York**: transnational lives of new immigrants. Berkeley, CA: University of California Press. 2006.

SUÁREZ-OROZCO, Carola; SUÁREZ-OROZCO, Marcelo M. **Children of immigration**. Cambridge: Harvard University Press. 2001.

SUÁREZ-OROZCO, Carola; TODOROVA, I. L., and LOUIE, J. Making up for lost time: the experience of separation and reunification among immigrant families. **Family Process**, v. 41, n. 4, p. 625-643, 2002.

VALTOLINA, Giovanni Giulio. Migrant Children in Italy. In CESAREO, Vincenzo (Ed). **Migrations**: A picture from Italy. Milan: Fondazione Ismu. 2013. p.57-61.

YARRIS, Kristine Elizabeth. Money, love, and the shifting substance of kinship in Nicaraguan transnational families. **Anthropology News**, v. 54, n. 4, p. 1-3, 2012.

YU, Elena; LIU, William T. **Fertility and kinship in the Philippines**. Notre Dame: University of Notre Dame Press. 1980.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

RELAÇÕES DURADOURAS PARA ALÉM DE FRONTEIRAS: JOVENS FILIPINOS MIGRANTES NA EUROPA E SEUS CUIDADORES QUE PERMANECERAM NAS FILIPINAS

Lingering caregiver-child relations across borders: Filipino migrant youths in Europe and their stay-behind carers in the Philippines

Asuncion Fresnoza-Flot

PhD in Sociology
Université libre de Bruxelles
Laboratoire d'Anthropologie des Mondes Contemporains
Bruxelas, Bélgica
afresnoz@ulb.ac.be

 <https://orcid.org/0000-0002-4865-9686>

Itaru Nagasaka

Doctor of Letters
Hiroshima University
Graduate School of Humanities and Social Sciences
Hiroshima, Japão
nagasaka@hiroshima-u.ac.jp

 <https://orcid.org/0000-0002-0180-708X>

Tradução **Bruno Botelho Costa**
Instituto Federal do Espírito Santo
Campus Montanha
Montanha-ES, Brasil
brunobcosta2010@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1825-0097> 

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Asuncion Fresnoza-Flot: LAMC - Institute of Sociology. Université libre de Bruxelles. CP 124. Avenue Jeanne 44. B-1050 Brussels. Belgium.

Itaru Nagasaka: Graduate School of Humanities and Social Sciences. Hiroshima University 1-7-1 Kagamiyama Higashi Hiroshima. Japan, 739-8521.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: A. Fresnoza-Flot, I. Nagasaka

Coleta de dados: A. Fresnoza-Flot, I. Nagasaka

Análise de dados: A. Fresnoza-Flot, I. Nagasaka

Discussão dos resultados: A. Fresnoza-Flot, I. Nagasaka

Revisão e aprovação: A. Fresnoza-Flot, I. Nagasaka

Tradução: B. B. Costa

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Pesquisa financiada por JSPS KAKENHI, sob número de concessão 21402032, 24401039, 16KT0090 e 17K03285.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 27-02-2021 – Aprovado em: 27-02-2021